

## A INCOMPREENSÃO DA MATEMÁTICA É UM SINTOMA?

ROSELI MARIA RODELLA DE OLIVEIRA

rrodella@gmail.com

A proposta deste trabalho é explicar o sintoma de incompreensão da matemática. Ela está inspirada em uma aula de Lacan de 02/12/71, do seminário O Saber do psicanalista<sup>1</sup> intitulada a “Incompreensão do meu discurso”. Esta aula acabou sendo intitulada<sup>2</sup> a *incompreensão do meu discurso* porque os alunos de Lacan se queixavam que seu discurso era incompreensível. Por isso, ele mesmo formulou a questão: a incompreensão de Lacan é um sintoma? E antes de responder a essa pergunta, ele colocou semelhante questão também em relação ao discurso de Freud, isto é, à psicanálise: a incompreensão da psicanálise é um sintoma? E ainda, antes de responder agora a estas duas perguntas, se colocou uma terceira: a incompreensão da matemática é um sintoma?

Este trabalho também pretende explicar porque a incompreensão da matemática é desencadeada, comumente, na puberdade, isto é, porque o sintoma de incompreensão da matemática não é deflagrado, com tanta frequência, na infância, ou seja, antes do que Freud chama de período de latência.

Começemos pela segunda questão: Por que a incompreensão da matemática se revela na puberdade? Supomos que há, por um lado, uma catástrofe característica do período da puberdade que se revela de muitas maneiras e especialmente no embaraço com o nível médio do ensino da matemática com a introdução da álgebra, pelo fato de que aí se realiza um novo encontro do sujeito como real do outro sexo.

Mas o que é afinal esse encontro chamado, como se sabe tiquê, encontro do sujeito com o real do outro sexo? Trata-se de uma mudança, bem caracterizada por Freud como o outro lado da borda chamada período de latência, que se caracteriza pelo abandono dos objetos e modos de gozo da infância e a assunção de novos objetos e modos de gozo da

puberdade. O sujeito troca o gozo masturbatório infantil, que parece ser auto-erótico pelo gozo do corpo do outro, aloerótico e esta troca é vivenciada como algo enigmático, sem sentido. Dito de outra forma, o sujeito, na puberdade, se depara com o impossível de simbolizar, com o irrepresentável. Este impossível de representar, aprendemos com Freud na sua teoria sobre a sexualidade feminina, deve-se à ausência, estrutural, de um significante que nomeie o gozo d'  $\text{A}$  Mulher. Os sujeitos, na puberdade, não conseguem realizar a operação lógica da conjunção homem-mulher desde que isso é uma impossibilidade estrutural, a impossibilidade da relação sexual e, definitivamente, é isso o que faz o sintoma da incompreensão da matemática.

Esta mudança do gozo infantil para o gozo púbere vai junto com a mudança da mentalidade. Todas as teorias do “desenvolvimento” da mentalidade inclusive a de Piaget e Vigotsk localizam a mudança da estrutura do pensamento infantil para o pensamento adulto na puberdade.

Supomos também que há, por outro lado, uma complexidade maior no conteúdo da disciplina da matemática no nível médio da aprendizagem, no qual se introduz o púbere no nível da álgebra, diferentemente do nível fundamental, no qual se trata de introduzir a criança na dimensão pura e simples da aritmética.

Devemos ainda observar que o momento do aprendizado da álgebra matemática implica em ensinar o púbere a calcular, generalizar e simplificar as questões aritméticas, por meio de letras do alfabeto. A álgebra transforma, portanto, equações numéricas em letras e, como se sabe, calcular com letras é diferente de calcular com números. Esta mudança exige do púbere uma outra forma de raciocínio matemático.

Com seus matemas, Lacan também se utiliza do recurso de transformação em letras, porém esta transformação incide em outro nível: os matemas são transformações de conceitos em letras; são um conjunto de escrituras algébricas utilizadas para transmitir integralmente o

saber psicanalítico. Além de serem utilizadas para transmissão a letra também toca o real da estrutura, que é, por definição, letra sem significação.

Então, queremos situar, por um lado, a letra-texto, ou seja, o discurso que comunica um sentido tal como o significante e inclusive o sintoma e, por outro, a letra-desenho ou nó, que é a escrita como marca, tal como a letra e o *sinthoma*, que foi não feita para ser lida e muito menos para ser compreendida, porque se trata de letra sem significação.

A questão da transliteração do simbólico em letra sem significação, Lacan<sup>3</sup> mostrou precisamente na escrita de Joyce, na medida em que este reduziu a linguagem ao *sinthome* Soler observa que é possível “realizar uma letrificação do significante mediante o qual este se transforma em átomo do gozo”<sup>4</sup>. Ela também toma o exemplo de Joyce porque ele consegue passar a literatura, “a arte que mais está incluída no registro simbólico [...], ao real, ou seja, ao ‘fora do sentido’” (SOLER, 1989, p. 18). Esta é uma forma de solução da psicose que não recorre ao simbólico para tratar os retornos do real realizando uma forclusão do sentido. Na psicose, o tratamento é do real pelo real.

Antes ainda de abordar a primeira questão, se a incompreensão da matemática é um sintoma, vou destacar o trabalho de um outro psicótico, John Nash, que realiza o tratamento dos retornos do real com a matemática. Nash procede a “reconstrução do mundo”, hipótese proposta por Freud a respeito do trabalho da psicose de Schreber, através dos números. Ele transforma as letras em números e, desse modo, dá sentido à sua existência.

Podemos fazer uma aproximação da solução de Nash quanto aos retornos do real com as que realiza Joyce? Observemos, em primeiro lugar, que ambos realizam um tratamento do real pelo real, que ambos procedem a uma letrificação do significante. Joyce procede à letrificação do simbólico, transformando a linguagem em letras sem significação e Nash translitera as palavras e, até mesmo as letras, em números sem significação; translitera, por assim dizer, o simbólico com o real do número. Ele procurava decodificar as mensagens que

estariam por trás do que encontrava escrito e, ao mesmo tempo, produzia equações que eram enigmáticas para os matemáticos de Princeton. Sómente quando Nash pôde transformar os números em uma pesquisa verdadeira, quando pôde transliterar números em letras, que esta pode ser comunicada aos colegas e, portanto, ser considerada verdadeira. Por isso, Quinet observa que Nash fez laço social, estabilizando sua psicose através do trabalho do simbólico com o real do número<sup>5</sup>.

A partir do trabalho de Joyce com a literatura e de Nash com a matemática que serviram à estabilização da psicose, podemos concluir que a matemática, tal como a linguagem, pode ao mesmo tempo dar sentido e foracluir o sentido. Pode ser uma letra-texto ou uma letra-desenho, pode ser um nó, pode ser a escrita como marca, pode ser a letra e o sinthoma, que foi não feita para ser lida e muito menos ser compreendida, porque é letra sem significação.

Passando, agora, finalmente a ocupar-nos da pergunta: se a incompreensão da matemática é um sintoma, devemos dizer que, no momento da aprendizagem da álgebra, que transforma números em letras, para compreensão de uma equação algébrica, os púberes, devem fazer o trabalho que Nash realiza com a matemática: o trabalho do simbólico com o real do número.

Lacan afirma que “no ponto em que se manifesta o sintoma da incompreensão da matemática, o sujeito experimenta certo vazio sobre a verdade, uma espécie de insatisfação no manejo do valor da verdade”. Propõe uma nova bivalência diferente da lógica formal que, segundo Gerbase, <sup>6</sup> o induziu a dizer que não é o Falso que se opõe ao Verdadeiro, mas o Semblante: “uma verdade não tem conteúdo, ou bem é verdade ou bem é Semblante, distinção que não tem nada a ver com a oposição Verdadeiro ou Falso, porque se é Semblante de verdade não quer dizer que é Falsidade, e é exatamente disso que procede a incompreensão matemática, pois a questão que se coloca é saber se Verdade e Semblante estão em oposição”.

<sup>1</sup>LACAN, Jacques. **O saber do psicanalista**. Aula de 02/12/71. Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase em 29/04/01, inédito.

<sup>2</sup> O título desta aula foi estabelecido por Jairo Gerbase.

<sup>3</sup>LACAN, Jacques. **Seminário 23: O Sinthome**. Inédito.

<sup>4</sup>SOLER, Colette. **Estudios sobre las psicosis**. Buenos Aires: Ediciones Manatíal, 1989.

<sup>5</sup>QUINET, Antonio. **Psicose e laço social**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

<sup>6</sup> GERBASE, Jairo. Comentários sobre O Saber do psicanalista. Aula de 02/12/71 - A incompreensão do meu discurso, inédito.

LACAN, Jacques. O saber do psicanalista. Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase em 04/04/01, inédito.